

EDITORIAL

Principiamos este número com um conjunto de relatos de pesquisa, capitaneados pelo texto intitulado “Bem-estar subjetivo, personalidade e vivências acadêmicas em estudantes universitários”, de autoria de Aline Bertuol Rosin, Cristian Zanon & Marco Antônio Pereira Teixeira, no qual os autores buscaram investigar se vivências acadêmicas positivas estão associadas com o bem-estar subjetivo (BES) de universitários, bem como as relações entre as vivências acadêmicas e a personalidade. Mais especificamente, procurou-se avaliar o quanto as variáveis de vivências acadêmicas predizem a variância do BES controlando o efeito dos fatores de personalidade. Os resultados mostraram que a personalidade é o preditor mais saliente do bem estar subjetivo. Porém, foram verificadas correlações significativas entre vivências acadêmicas e bem estar subjetivo.

O artigo “Padrões de Uso e Motivos para Envolvimento em Redes Sociais Virtuais na Adolescência”, de Juliana Szpoganicz Rosado, Márcia Elisa Jaeger & Ana Cristina Garcia Dias investigou se há diferenças no acesso à internet e uso das redes sociais entre alunos de escolas públicas e privadas e quais os motivos para nelas se conectarem. Um questionário aplicado em quatro escolas buscou compreender a opinião dos jovens sobre o assunto. Os resultados apontaram diferenças no tempo de uso das redes sociais por estudantes de escolas públicas e privadas, além de um entendimento que os adolescentes consideram as redes sociais um local de circulação de informações e que é necessária cautela para navegar neste universo cibernético.

Em seguida, o artigo “Maternidade e identidade em mulheres que perderam filhos – aspectos psicossociais”, de Eder Luiz Nogueira & Adriano Roberto Afonso do Nascimento buscou compreender o processo de construção e de reconstrução da identidade, naqueles elementos relacionados à maternidade, de mulheres que perderam filhos. Foram entrevistadas sete mulheres com idades entre 39 e 56 anos, que perderam filhos/as por causas violentas ou acidentais, sob dois procedimentos de análise: Análise de Conteúdo e Análise Fenomenológica Interpretativa. Foram identificadas nos relatos a percepção da maternidade ancorada em atributos tradicionais e a percepção da morte dos filhos como sem sentido.

No artigo “Ansiedade, depressão e qualidade de vida de pais no processo de reabilitação dos filhos portadores de paralisia cerebral”, Lorena Mirele Pereira & Marina Kohlsdorf avaliaram depressão, ansiedade e qualidade de vida de 27 pais de crianças portadoras de Paralisia Cerebral. Foram utilizados dois questionários (Inventários Beck de Ansiedade e Depressão) e um roteiro de entrevista. Os resultados mostraram que dezoito participantes apresentaram ansiedade leve ou mínima e a depressão foi verificada em dez pais. As entrevistas destacaram dificuldades de ordem financeira e profissional como moderadoras relevantes da adaptação ao tratamento.

Em “Exposição a fatores de risco de adolescentes em acolhimento institucional no sul do Brasil”, Josiane Lieberknecht Wathier Abaid & Débora Dalbosco Dell’Aglío buscaram identificar a exposição a fatores de risco em adolescentes que vivem em instituições de acolhimento, em duas cidades do sul do Brasil, com a participação de 113 adolescentes de 12 a 18 anos. Foram identificados diversos fatores de risco ao desenvolvimento, como repetência escolar e exposição à violência intra e extrafamiliar, entre outros. Evidencia-se o desafio à instituição que acolhe e a necessidade de investimento em políticas públicas que auxiliem na recuperação e fortalecimento dos laços familiares.

O texto “Estratégias de aprendizagem empregadas por estudantes universitários”, de autoria de Manuela Ramos Caldas Lins buscou evidências de validade de uma escala de estratégias de aprendizagem para universitários, bem como o repertório de estratégias utilizado por tais estudantes. Participaram 341 alunos, de ambos os sexos, matriculados em uma universidade pública, e os resultados foram obtidos mediante a aplicação individual de uma escala de estratégias de aprendizagem.

No artigo “Compreensão do distúrbio psicossomático a partir da vivência de médicos”, Vera Lucia Pereira Alves & Tatiana Gomez Espinha buscaram conhecer a vivência de médicos no atendimento de pacientes psicossomáticos, a partir de uma pesquisa qualitativa de perspectiva fenomenológica em que quatro profissionais foram entrevistados. Os médicos não referiram formação teórico-prática sobre o tema, mas apontaram para um conhecimento construído a partir de suas experiências clínicas, em função de como entendem: a formação do sintoma; a caracterização destes pacientes e as doenças consideradas psicossomáticas e o tratamento vislumbrado.

Em seguida, são apresentados alguns estudos teóricos ou históricos, principiando com o artigo “Personalidade, relações objetais e esquizoidia na obra de Ronald Fairbairn”, de autoria de Carlos Augusto Peixoto Junior, no qual o autor analisa princípios e conceitos básicos da teoria psicanalítica da personalidade criada por Ronald Fairbairn, tais como os de ego central, ego libidinal, ego antilibidinal, objeto excitante e objeto rejeitante, dentre outros.

No artigo “Polindo lentes: ressonâncias entre a potência spinozana e a pulsão freudiana”, Joana Lopes D’Almeida Camelier, Monah Winograd & Mauricio Rocha apontam ressonâncias entre o conceito freudiano de pulsão e o conceito spinozano de potência para que este último amplifique a leitura do primeiro.

E, finalmente, em “Diagnóstico psiquiátrico e clínica psicanalítica”, Andre Goettems Bastos debate o problema do diagnóstico psiquiátrico quando inserido na clínica psicanalítica. Partindo de questões e impasses da visão de psicopatologia nosológica psiquiátrica e da teoria clínica psicanalítica, buscou demonstrar as diferentes visões epistemológicas que norteiam a questão.

Boa leitura a todos.

Adriano Holanda
Editor